

HISTÓRIA OCULTA: biografias e relatos de vida

*Joelton Rezende Gomes
Jussara Santos Pimenta*

Resumo

As reflexões desse estudo têm como objetivo contribuir para a valorização da diversidade histórica e cultural e o hibridismo como resultado do encontro da diversidade. Pretendo dialogar com o leitor aspectos importantes que fortaleçam o respeito ao “outro” e o ensino de história com viés igualitário a partir das vivências ocultadas e diferenças que compõem a sociedade na qual estamos inseridos enquanto cidadãos. Sem a pretensão de esgotar o debate, são apontados aspectos importantes da identidade híbrida na constituição da história dos povos, fator que fortalece ainda mais a importância das biografias e dos relatos de vida na escrita de uma sociedade pautada na valorização das diferenças.

Palavras-chave: História; Biografia; Relato de vida; Hibridismo.

HIDDEN HISTORY: biographies and life accounts

Abstract

The reflections of this study aim to contribute to the appreciation of historical and cultural diversity and hybridity as a result of the encounter of diversity. I intend to talk to the reader about important aspects that strengthen respect for the “other” and the teaching of history with an egalitarian bias from the hidden experiences and differences that make up the society in which we are inserted as citizens. Without pretending to exhaust the debate, important aspects of hybrid identity are pointed out in the constitution of the history of peoples, a factor that further strengthens the importance of biographies and life stories in the writing of a society based on the appreciation of differences.

Keywords: Story; Biography; Life report; hybridity.

HISTORIA OCULTA: biografías y cuentas de vida

Resumen

Las reflexiones de este estudio pretenden contribuir a la apreciación de la diversidad e hibridez histórica y cultural como resultado del encuentro de la diversidad. Pretendo hablar con el lector sobre aspectos importantes que fortalecen el respeto por el “otro” y la enseñanza de la historia con sesgo igualitario desde las experiencias ocultas y las diferencias que conforman la sociedad en la que estamos insertos como ciudadanos. Sin pretender agotar el debate, se señalan aspectos importantes de la identidad híbrida en la constitución de la historia de los pueblos, factor que fortalece aún más la importancia de las biografías y las historias de vida en la escritura de una sociedad basada en la valoración de las diferencias.

Palabras clave: Historia; Biografía; Informe de vida; hibridez.

INTRODUÇÃO

A forma tradicional e excludente de trabalhar fatos históricos que se restringia aos atos heroicos dos personagens e relegava a participação das “pessoas comuns” ao

apagamento tem sido contestada por diferentes autores. Sendo assim, reflexões sobre a utilização de biografias e relatos de vida no ensino de História e o desenvolvimento de aulas que valorizem a criticidade e a capacidade dos alunos em conseguir analisar, problematizar e reconhecer aspectos de uma determinada época contextualizando-as com as vivências do sujeito tem desafiado os professores. Como ressalta Galvão (2019), a utilização de biografias e experiências de novos e distintos sujeitos proporcionam aos estudantes, a partir da identificação que os mesmos fazem de si com as “pessoas comuns”, uma compreensão mais eficaz acerca de contextos políticos, econômicos, sociais e o reconhecimento de todo e qualquer indivíduo como sujeito histórico. Propomos, a seguir, apontamentos sobre a importância do “outro” e de sua trajetória nos diálogos históricos.

PLAY NO BATE-PAPO: EU, NÓS E O OUTRO

Ser diferente, não ser semelhante ao que se julga padrão, deslocado, estranho, do contra e outras inúmeras expressões são utilizadas pela sociedade contemporânea para referir-se ao outro que não se identifica, que apresenta dessemelhança. Nuria Pérez de Lara Ferre (2001) entende diferença e diversidade como aquilo que permite-nos distinguir o outro do um, o outro do mesmo. Para a autora, o diferente ou diverso é o contrário do idêntico e nesse sentido, ela pontua que o próprio sistema de educação no qual estamos submetidos corrobora para o fortalecimento do ser igual, idêntico:

Não obstante, a educação impõe, a si mesma, o dever de fazer de cada um de nós alguém; alguém com uma identidade bem definida pelos cânones da normalidade, os cânones que marcam aquilo que deve ser habitual, repetido, reto, em cada um de nós. (FERRE, 2001, p. 196).

Com esse dever de ser igual e de manter a “normalidade” a história durante muito tempo foi escrita e transmitida com mecanismos criados e legalizados, em sua maioria, pela sociedade machista, branca, hetero e eurocêntrica que transformavam o outro em sujeito ausente a partir de sua demonização, negação e repreensão. Observo ainda que quem traduz o que é e o que não é, nunca faz isso de forma imparcial. Sempre existiu na legalidade ou proibição de algo ou alguém o interesse pessoal de quem define as regras do “jogo”.

Como já dizia a canção “é que Narciso acha feio o que não é espelho” (VELOSO, 1978), essas diferenças apontadas anteriormente e definidas por muitos cidadãos como feiuras presentes no outro, gera a sensação de estranheza ou de falta de controle sobre aquilo que se impõe como “normal”. Nuria Ferre (2001) debate acerca dessa estranheza provocada pelo outro e a define como algo que perturba os grupos homogêneos:

O que salta aos olhos quando olhamos o mundo de hoje é, precisamente, a realidade de que nosso mundo é um mundo no qual a presença de seres diferentes aos demais, diferentes a esses demais caracterizados pelo espelhismo da normalidade, é vivida como uma grande perturbação. (FERRE, 2001, p. 197).

A perturbação apontada pela autora toca nas mais variadas áreas, ou seja, esse incômodo provocado pelo outro não se limita às questões étnicas, raciais ou políticas. Nos deparamos com jovens e crianças que perturbam os adultos, homens que subjugam mulheres, heteros que repelem homossexuais, ricos que menosprezam pobres, cristãos que demonizam religiões de matrizes africanas e outras mais distintas formas de distinguir, culpabilizar e capturar o outro. Todas as diferenças existentes e reforçadas com ações

preconceituosas vão criando cada vez mais barreiras que impedem o respeito ao próximo e a escrita de uma história de valorização do outro.

Diante de tantas alteridades, incômodos com as imposições de grupos que detêm o poder social e político é comum que constantemente nos perguntemos: "[...] como é possível que os tempos atuais alojem, sem conflito, discursos e práticas, aparentemente, opostos?" (DUSCHATZKY; SKLIAR, 2001, p. 120).

Segundo Galvão (2019), o ensino de História no Brasil no espaço escolar era desenvolvido a partir de uma história cronológica, memorialista e factual, e nesse sentido não havia a problematização dos temas trabalhados no espaço escolar e, inclusive, as biografias eram amplamente utilizadas em seu modelo heroico, factual e de fundo moralizante. Assim, não havia uma Aprendizagem Histórica caracterizada pelo aprofundamento da consciência histórica que valorizava o outro, ou seja, era mais um ensino preocupado com a memorização de fatos, datas e personagens marcantes. Nesse sentido, o ensino não permitia que os estudantes se reconhecessem como sujeitos da História e nem possibilitava o desenvolvimento da percepção dos diferentes lugares de produção do discurso histórico, apagando assim as alteridades entre os indivíduos e suas vivências.

A proposta feita pelo autor em sua dissertação e reforçada pelo presente instrumento é que a utilização de biografias históricas na atualidade aponte para o desenvolvimento de procedimentos de pesquisa, de problematização e de formas narrativas que proporcionem maior diversidade de vozes nos debates acerca dos fatos históricos. É uma forma de proporcionar um lugar de fala para todos os envolvidos no processo a partir de biografias baseadas em uma História-Problema que potencialize os distintos saberes históricos no espaço escolar.

Temos acompanhado, atualmente, principalmente no cenário político, as diferenças de ideias e de ideologias sendo sufocadas por discursos de ódio e em casos mais extremos até violência física contra o outro. Além de toda essa onda discriminatória, nos deparamos com as fronteiras que são criadas a partir das diferenças e que colocam o outro sempre do lado oposto e negativo e nesse sentido vamos nos deparar também com muitos mecanismos sociais e políticos que irão legalizar e recriminar o dessemelhante. A partir da utilização de instrumentos como a biografia e os relatos de vida buscamos, com respaldo nas análises de Galvão (2019), demonstrar que é possível e mesmo necessária a construção e/ou potencialização de saberes históricos que objetivem combater um ensino de história excludente que não valoriza as diferenças étnicas, de gênero, raciais ou políticas. Isso pode se dar por meio de um processo de Aprendizagem Histórica onde os educandos possam construir conhecimentos sobre si e sobre o outro reconhecendo-se como sujeitos de sua história pessoal, bem como do contexto histórico a sua volta.

Muitos debates são travados na sociedade contemporânea no intuito de extinguir a aversão criada pelo indivíduo ao outro, ao distinto. Entretanto, muitas interpretações e ações equivocadas são implantadas e acabam corroborando para o fortalecimento e naturalização da estranheza. Jornais, revistas, movimentos nas redes sociais, *podcasts* e outros inúmeros mecanismos de interação clamam e determinam igualdade a partir de termos como tolerância. Atualmente tolerância é relacionada com as transformações que ocorrem nos diversos momentos das sociedades em relação à cultura, aos valores e à organização-político-social,

mas será que tolerar o outro realmente aponta para a desconstrução do sentimento de superioridade e de recriminação existentes na sociedade brasileira?

A sociedade contemporânea, ainda que de forma velada, se vale do conceito de tolerância para a prática da indiferença, ou seja, tolerar o outro coloca o agente opressor na condição de pessoa que ignora e banaliza os direitos do oprimido. É como colocar uma venda nos olhos para aquilo que o indivíduo não consegue e não quer compreender, conviver e respeitar. O tolerar fortalece o esquecimento da dor e da luta do outro. Duschatzky e Skliar (2001) apontam que:

A tolerância pode materializar a morte de todo o diálogo e, portanto, a morte do vínculo social sempre conflitivo. A tolerância, sem mais, despoja os sujeitos da responsabilidade ética frente ao social e libera o Estado da responsabilidade institucional de encarregar-se da realização dos direitos sociais. O discurso da tolerância de mão dadas com as políticas públicas bem que poderia ser o discurso da delegação das responsabilidades às disponibilidades das boas vontades individuais ou locais. (DUSCKATZKY; SKLIAR, 2001, p. 136).

Para os autores, tolerar reforça ainda mais as diferenças na educação. Assim, ser tolerante é naturalizar os mandatos da competitividade como formas exclusivas de integração social, é evitar examinar os valores que dominam a cultura contemporânea. Ser tolerante é evitar as mesclas, as disputas, o hibridismo. Ser tolerante é não polemizar com as crenças, costumes e direitos do outro. Observamos, portanto, que o estranhamento provocado pela dessemelhança do outro, além de buscar justificativa em doutrinas, discursos e leis, provocará também diálogos pautados em expressões que na verdade servirão como máscaras para a repetição de ações que apontam para a desigualdade e o desrespeito aos grupos distintos dos padrões julgados coerentes.

No contexto do tolerar, observamos que muitas vezes a ocultação da história do outro permanece latente, pois o que se constata é que o mecanismo criado é, na maioria das vezes, desenvolvido e manipulado pela pessoa que outrora promoveu o estranhamento e não pelo próprio indivíduo que precisa ter a sua história e cultura valorizada e contada. Assim, o que sugerimos com a escrita do texto é que os caminhos da história de cada cidadão sejam trilhados e relatados pelo próprio sujeito a partir de sua biografia ou relatos de sua vida. Quem melhor que o homem que viveu as experiências poderá expressar suas sensações e motivações?

O “não-dito”, que fica sempre velado e negligenciado pela história oficial, tem funções sociais e são próprias das relações de poder. Reforçamos que muitas vezes é a memória clandestina do outro que se torna o combustível da contestação e da reivindicação dele mesmo no espaço público. Quando propomos trabalhar em sala de aula com relatos de vida, em projetos desenvolvidos junto aos alunos e suas famílias, com pessoas da própria comunidade, por meio da metodologia da História Oral, evidenciamos a possibilidade de trazer para as aulas elementos importantes dessas memórias subterrâneas presentes no próprio espaço em que vivemos.

Galvão (2019) expõe que o trabalho com histórias de vida, como recurso didático, possui um

viés de complementaridade dos conteúdos curriculares. Observa-se que esta prática funciona como elemento que articula e compreende diferentes contextos e acontecimentos históricos a partir dos indivíduos que o vivenciaram, possibilitando assim, o estudo de discursos históricos a partir de diferentes pontos, ainda que utilizando-se os conteúdos curriculares postos como oficiais.

Destacamos também que as biografias e relatos de vida, em outros casos distintos dos apresentados, podem não só complementar a história oficial do currículo escolar, mas também contestá-la. Afinal, como é uma metodologia que visa trabalhar a história do outro, não podemos esquecer que, em muitos momentos, os documentos tradicionais expressam a visão e o local de fala dos vencedores, que por sua vez, possuem o domínio social, econômico e político.

O CONTATO COM O OUTRO E A IDENTIDADE HÍBRIDA¹

Os cidadãos naturalmente apresentam traços identitários que são estabelecidos desde a sua concepção como seres humanos. São hábitos, sentimentos e memórias que ultrapassam o campo individual já que é comum que o indivíduo represente a continuidade de seus descendentes.

Neste contexto, destacamos que o fato de o cidadão estar inserido em seu grupo identitário não se descartam as possibilidades de novos encontros e descobertas. Ainda que ocorra a mudança de lugar, conviver com o outro, deixar suas origens familiares não significa deletar sua existência, mas sim agregar àquilo já adquirido com o passar dos anos anteriores aos novos conhecimentos, fica evidenciado assim uma negociação entre o que ofertado e o que recebido.

Conforme Stuart Hall (2015) relata em *A identidade cultural na pós-modernidade*:

Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. (HALL, 2015, p. 52).

Conforme Canclini (2015), durante muito tempo, foram estudados mais os aspectos fisionômicos e cromáticos da mestiçagem. A cor da pele e os traços físicos continuam a pesar na construção ordinária da subordinação para discriminar índios, negros ou mulheres. Entretanto, nas ciências sociais e no pensamento político democrático, a mestiçagem situa-se atualmente na dimensão cultural das combinações identitárias. E assim nos dedicamos a entender um pouco desse processo de formação da identidade a partir dos contatos híbridos e da escrita dessa história.

¹ O termo indica a identidade que se forma a partir dos contatos de diferentes culturas e no local que Bhabha (1990) cunha de Terceiro Espaço. Segundo o autor, uma nova identidade híbrida emerge do entrelaçamento de elementos do colonizador e do colonizado. Esse espaço forma-se a partir de rupturas e deslocamentos das narrativas coloniais hegemônicas e da cultura do colonizado. Nesse sentido, a Identidade Híbrida é formada pela inata capacidade do homem para atravessar culturas para traduzir, negociar e mediar afinidade e diferença dentro de uma dinâmica de intercâmbio e inclusão.

Tomamos como exemplo das combinações identitárias os processos de colonização, frequentes na região amazônica, por serem movimentos em que observamos essa realidade. Os colonizadores (camponeses) da floresta que chegam à procura de um amanhã mais promissor trazem seu “eu” formado a partir dos aspectos sociais, econômicos e políticos do local em que viviam e que naturalmente serão transmitidos às suas futuras gerações que por sua vez estão em um local totalmente novo e desconhecido pelos seus próprios pais. É exatamente esse cidadão que se busca aqui refletir. Nessa fusão entre culturas originárias de outras regiões do Brasil e costumes nativos amazônicos busca-se conhecer aspectos da identidade que se formam na sociedade rondoniense. Observa-se, ainda que em muitos instrumentos que contam a história de Rondônia, a fala evidenciada do colonizador, o seu ponto de vista e o seu local de fala. Durante os inúmeros contatos a história escrita sempre foi a do dominante sobre a do dominado.

A onda migratória apontada na presente reflexão vai criar entre migrantes e nativos, o local definido por José de Souza Martins como Fronteira. Segundo o autor, “a fronteira é, na verdade, ponto limite de territórios que se redefinem continuamente, disputados de diferentes modos por diferentes grupos humanos.” (MARTINS, 2016, p. 10). Durante muito tempo, na região denominada fronteira, a fala dos povos nativos e dos menos favorecidos no processo de colonização ficou abafada pelo espírito de progresso defendido pelos detentores do poder. Embora fique evidente que a cultura do povo rondoniense é híbrida, o discurso do opressor domina e cala os excluídos.

Na definição dessa linha de fronteira se darão muitas disputas que irão caracterizá-la e é nesse limite que o homem migrante irá separar a cultura e a natureza, o homem e o animal, quem é humano e quem não é. Importante ressaltar que no contexto do encontro promovido pelo processo migratório Martins (2016, p. 11) vai definir a fronteira para além do espaço delimitado pela geografia:

A fronteira de modo algum se reduz e se resume à fronteira geográfica. Ela é fronteira de muitas e diferentes coisas: fronteira da civilização (demarcada pela barbárie que nela se oculta), fronteira espacial, fronteira de culturas e visões de mundo, fronteira de etnias, fronteira da história e da historicidade do homem. E, sobretudo, fronteira do humano (MARTINS, 2016, p. 11).

Stuart Hall (2015) descreve esse cidadão que se localiza na fronteira como “o produto das novas diásporas criadas pelas migrações pós-coloniais. Eles devem aprender a habitar, no mínimo, duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e a negociar entre elas”. Nesse sentido nos deparamos com aquele sujeito ao qual denominamos de híbrido, ou seja, o indivíduo que irá conviver e experimentar diferentes hábitos. Sobre o fenômeno hibridismo, Burke (2016) nos esclarece que:

Exemplos de hibridismo cultural podem ser encontrados em toda parte, não apenas em todo o globo como na maioria dos domínios da cultura – religiões sincréticas, filosofias ecléticas, línguas e culinárias mistas e estilos híbridos na arquitetura, na literatura ou na música. Seria insensato assumir que o termo hibridismo tenha exatamente o mesmo significado em todos estes casos. (BURKE, 2016, p. 23).

O sujeito que migra em busca de melhores condições de vida, por diversos momentos, se enquadra como o indivíduo que está em constante estruturação de identidade.

Ele se mantém na duplicidade de duas socializações, o que ele foi e aquilo que ele necessita ser para se inserir na nova realidade ofertada pela migração. “É sempre o outro, o objeto e não o sujeito. É sempre o que vai voltar a ser e não o que é.” (MARTINS, 1986, p. 50). Para conhecer a história e as realidades vividas por esse indivíduo é importante que se tenha acesso ao seu recorte temporal, local e acima de tudo das suas próprias impressões sobre os fatos. Ao propor nessa leitura a utilização das biografias e dos relatos de vida no estudo de História, pretende-se fundamentalmente conhecer esses cidadãos a partir da sua própria existência.

Destacamos que a necessidade da proposta repousa sobre o fato de compreendermos que o hibridismo não será vivido apenas pelo migrante, pois o nativo que está na região da chamada fronteira também passará por experiências de troca cultural seja ela espontânea ou forçada conforme descreve Burke (2016):

Não devemos nos esquecer dos indivíduos híbridos, quer os que já nasceram nesta situação por suas mães e pais serem originários de culturas diferentes, quer os que se viram nela mais tarde, de bom grado ou não, por terem sido, por exemplo, convertidos ou capturados. (BURKE, 2016, p. 36).

Atualmente uma característica marcante desses contatos híbridos desenvolvidos em todo processo de convivência entre diversificadas realidades é a linguagem, ou seja, o diálogo que é diário entre as pessoas rondonienses. Destaco, entretanto, que no percurso do tempo as distintas línguas darão origens a novas palavras e expressões. Analisar a história a partir dos relatos de vida dos indivíduos, possibilitará conhecermos com mais precisão todas as suas experiências, memórias e anseios. Sobre esse aspecto Burke (2016) esclarece:

Usando como base suas afinidades ou congruências, duas línguas em contato se modificam e ficam mais parecidas e assim “convergem” e criam uma terceira, que frequentemente adota a maior parte de seu vocabulário de uma das línguas originais e sua estrutura ou sintaxe da outra. (BURKE, 2016, p. 61).

Embora em muitos aspectos os contatos com o dito diferente proporcionem a oportunidade de enriquecimento cultural, não devemos esquecer que toda convivência no cenário do processo migratório tende em alguns momentos demonstrar uma imposição do mais forte sobre o mais fraco como relata Burke (2016):

Como a história das linguagens e dos dialetos, a história da cultura em geral pode ser vista como uma luta entre estas duas forças. Às vezes uma tendência predomina e às vezes a outra, mas elas alcançam certo equilíbrio no longo prazo. (BURKE, 2016, p. 54).

O que se percebe nesse contato inicial do processo migratório, no que tange a linguagem e a busca por significados para o desconhecido, é a tentativa do migrante em fazer os seus familiares e semelhantes entenderem a realidade, os seres, as situações e outros itens do cenário em que está se inserindo. Sendo assim, é muito comum ao cidadão buscar referência para o desconhecido a partir daquilo que ele já conhece. Conforme Burke os homens quando se deparam com o estranho “traduzem” a imagem para termos familiares recorrendo aos esquemas visuais ou estereótipos correntes em sua própria cultura (p. 57). Assim, compreendemos que somos frutos de distintas culturas que com o tempo foram se conhecendo e acomodando-se conforme as necessidades e por isso é fundamental uma

análise sobre esses encontros, formação de linguagens e hábitos e isso se dará de forma mais clara e eficiente a partir das biografias e relatos de vida dos envolvidos.

A CONCLUSÃO É O PONTAPÉ INICIAL

Um dos maiores desafios das ideias sobre o hibridismo é promover o respeito mútuo entre os indivíduos. Burke (2016) afirma que quando as pessoas têm confiança na superioridade de sua cultura, elas têm pouco interesse nas ideias estrangeiras e que as culturas são heterogêneas e que diferentes grupos podem reagir de modos muito diversos aos encontros culturais.

É importante levantarmos questionamentos sobre essa temática pois é notório o contato existente entre todas as culturas. Mesmo as mais restritas são como áreas de construção, pois, toda e qualquer cultura está sempre sendo construída e reconstruída, quer os indivíduos e os grupos que fazem parte se deem ou não conta disto. São diversos os fatores que levam as culturas a entrelaçar seus percursos umas com as outras: economia, política, religião, etc. Mas se o sentimento de superioridade e diferenças no modo de reagir diante do diferente for comum a todos, como então promover a igualdade e a valorização de cada cidadão e sua cultura em um universo de peculiaridades?

Williams (2011) observa que a história da ideia de cultura é a história do modo por que reagimos em pensamento e em sentimento à mudança de condições por que passou a nossa vida. Para o autor, a ideia de cultura é a resposta global que demos à grande mudança geral que ocorreu nas condições de nossa vida comum. Assim, é importante que sejamos conscientes e estejamos sempre desarmados de preconceitos e sentimentos de superioridade para ouvir, debater e acolher o outro e, de volta, sermos também ouvidos e acolhidos.

Nesse sentido, sugerimos que a utilização das biografias e dos relatos de vida de todo e qualquer cidadão estejam sempre disponíveis como importantes ferramentas na construção dos saberes históricos, pois só assim, a partir dos relatos individuais de cada cidadão e da sua liberdade de fazer história será possível dar novos olhares aos fatos e entendermos as experiências e sentimentos de todos os envolvidos.

Portanto, é importante a cada passo, o fortalecimento das noções de cidadania por meio do conhecimento e da memória da realidade na qual o cidadão está inserido propiciando, assim, a leitura crítica como estímulo à prática da valorização das experiências e da identidade como bem cultural de responsabilidade coletiva.

Finalizamos as provocações levantadas no texto com um convite ao leitor. Que as reflexões e questionamentos possam, não esgotar o desejo pelo conhecimento sobre o outro e de suas contribuições como sujeito histórico, mas que as inquietações que surgiram no percurso da leitura possam ser combustível para a busca pelo respeito ao local de fala e pelos distintos discursos que compõem a nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

BHABHA, H. (org.) *Narrating the Nation*. Londres: Routledge, 1990.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. Tradução Leila Souza Mendes. São Leopoldo: Editora da UNISINOS, 2016.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da modernidade*. Tradução Ana Regina Lessa; Heloísa Pezza Cintrão. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

DUSCHATZKY, Sílvia. SKLIAR, Carlos. O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na educação. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos (org.). *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FERRE, Nuria Pérez de Lara. Identidade, diferença e diversidade: manter viva a pergunta. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos (org.). *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 195-214.

GALVÃO, Jerônimo Adelino Pereira Cisneiros. *Biografia na sala de aula: a construção de saberes históricos a partir do trabalho com histórias de vida*. 138 f. Dissertação. Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História, Recife, 2019.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2015.

MARTINS, José de Souza. *Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano*. São Paulo: Contexto, 2016.

MARTINS, José de Souza. *Não há terra para plantar neste verão*. Petrópolis: Vozes, 1986.

VELOSO, Caetano. *Sampa*. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/caetano-veloso/41670/>. Acesso em: 01 de novembro de 2021.

WILLIAMS, Raymond. Uma tradição do século XIX. In: *Cultura e sociedade: de Coleridge a Orwell*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

Submetido em abril de 2022

Aprovado em abril de 2022

Informações do(a)s autor(a)(es)

Joelton Rezende Gomes
Universidade Federal de Rondônia
E-mail: joe_rezende@hotmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7312-6179>
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8628657014864935>

Jussara Santos Pimenta
Universidade Federal de Rondônia
E-mail: jussara.pimenta@unir.br
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5283-2509>
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6972809956894530>